



GONÇALVES, Carlos Alexandre. “Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra”: o estatuto morfológico dos *splinters* no português brasileiro contemporâneo. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013. [http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br]

“NA SEXTANEJA COM A CAIPIFRUTA DA MÃEDRASTA”: O ESTATUTO MORFOLÓGICO DOS *SPLINTERS* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Carlos Alexandre Gonçalves^{44*}

RESUMO

Constituem objetivos deste texto (a) definir, com base na literatura especializada recente, partículas como *-nejo*, *-tone* e *-drasta*, chamadas de *splinters* (ADAMS, 1973); (b) mostrar que esses formativos resultam de processos não-concatenativos de formação de palavras, mas se adaptam aos padrões de prefixação ou sufixação, por serem formas presas; (c) elencar o conjunto de *splinters* em uso na língua, distinguindo os nativos dos não-nativos, estes últimos denominados xenoconstituintes por Gonçalves & Almeida (2012); (d) diferenciar os *splinters* de outras unidades de análise morfológica, como afixos, radicais e afixoides, com vistas a checar o estatuto dessas partículas na morfologia do português; por fim, (e) seguindo Bauer (2005), mostrar os possíveis destinos dos *splinters* nas línguas naturais.

PALAVRAS-CHAVE: *Splinter*; Formação de palavras; Morfologia; Categorização.

ABSTRACT

We intend, in this paper, (a) to define, based on recent literature, particle as *-nejo*, *-tone* and *-drasta*, called *splinters* (ADAMS, 1973); (b) to show that these formative come from non-concatenative word formation processes, but they adapt to the patterns of prefixing or suffixing; (c) to list the set of *splinters* in use in the Brazilian Portuguese, distinguishing the native forms to the non-native ones, the latter called xenoconstituintes by Gonçalves & Almeida (2012); (d) to differentiate the *splinters* of other morphological units such as affixes, affixoids and radicals, in order to check the status of these particles on the morphology of the Portuguese; (e) following Bauer (2005), to show the possible destinations of *splinters* in natural languages.

KEYWORDS: *Splinter*; Word formation; Morphology; Categorization.

44. Professor da Faculdade de Letras da UFRJ desde 1994, instituição em que se doutorou em 1997 e na qual atua, desde 1998, no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. É coordenador do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português) e desenvolve três projetos de pesquisa nessa instituição. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq desde 2000 (nível 1D) e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ a partir de 2013, vem orientando dissertações de mestrado, teses de doutorado e trabalhos de iniciação científica sobre questões referentes à morfologia e à fonologia do português. E-mail: carlexandre@bol.com.br.

Palavras iniciais

Este trabalho tem o propósito de analisar o estatuto de um tipo morfológico cada vez mais frequente nas estruturas morfológicas do português brasileiro contemporâneo, o *splinter*⁴⁵, termo proposto por Bauer (2004) para designar partículas recorrentes oriundas de processos não-concatenativos de formação⁴⁶, a exemplo das que aparecem nas palavras que dão nome ao artigo: ‘sextaneja’ (“sexta-feira regada à música sertaneja”), ‘chocotone’ (“panetone de chocolate”) e ‘tiadrasta’ (“irmã da madrasta”).

Constituem objetivos deste texto (a) definir, com base na literatura especializada recente, partículas como *-nejo*, *-tone* e *-drasta*; (b) mostrar que *splinters* resultam de processos não-concatenativos, mas se adaptam aos padrões de prefixação ou sufixação, por serem formas presas; (c) elencar o conjunto de *splinters* em uso na língua, distinguindo os nativos dos não-nativos, estes últimos denominados xenoconstituintes por Gonçalves & Almeida (2012); (d) diferenciar os *splinters* de outras unidades de análise morfológica, como afixos, radicais e afixoides, com vistas a checar o estatuto dessas partículas na morfologia do português; por fim, (e) seguindo Bauer (2005), mostrar os possíveis destinos dos *splinters* nas línguas naturais.

A divisão do trabalho, em cinco seções, atende, nessa ordem, a cada um dos objetivos acima elencados. Começamos, então, definindo tais unidades e situando, na linha do tempo, as diversas descrições encontradas na literatura.

45. Em inglês, *splinter* originalmente significa “fragmento”, “pedaço”, “lasca”. Na literatura morfológica, por sua vez, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais (GONÇALVES 2011b). Por se tratar de um termo técnico, preferimos não traduzi-lo e o fizemos por dois motivos, fundamentalmente: (a) traduções nem sempre são precisas para caracterizar unidades como essas e (b) acreditamos que a literatura da área precisa adotar um vocabulário universal para evitar a proliferação de vários termos técnicos usados em referência a uma mesma entidade. Em relação a esse constituinte, Correia (2003), seguindo Corbin (2000), faz uso do termo “fractoconstituinte”. Andrade (2013), por sua vez, reporta-se a essas formas com a expressão “fragmento lexical”.

46. De acordo com Gonçalves (2012: 182), os processos chamados de não-concatenativos se diferenciam dos aglutinativos pela ausência de encadeamento: “nas operações aglutinativas, como a composição, a prefixação e a sufixação, um formativo se inicia exatamente no ponto em que outro termina, como em ‘bolsa-ditadura’ (“benefício pago pelo governo para reparar danos impostos a cidadãos brasileiros durante o regime militar”), ‘pré-sal’ (“porção do subsolo que se encontra sob uma camada de sal situada abaixo do leito do mar”) e “psdista” (“adepto do PSD”, novo partido político brasileiro). Nos processos não-concatenativos, a sucessão linear dos elementos morfológicos pode ser rompida por reduções, fusões, intercalações ou repetições, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina”.

***Splinters*: histórico, definição e exemplificação**

Fandrich (2008) faz um excelente histórico a respeito da abrangência do termo *splinter* na literatura morfológica do inglês. Observa que Adams (1973) operacionaliza a noção, apresentando uma vasta gama de exemplos que comprovam a existência dessa unidade de análise linguística. Entretanto, o próprio Adams (1973) reconhece que a primeira referência ao termo deve ser atribuída a Berman (1961).

Em Berman (1961), que constitui um exame sistemático sobre o fenômeno do *blending*⁴⁷, *splinters* são vistos como partes de palavras depreendidas nas fusões vocabulares. Observa-se, nessa análise, uma concepção ainda concatenativa dos *blends* lexicais, pois o autor interpreta palavras como ‘apertamento’ (“apartamento pequeno, apertado”) e ‘chafé’ (“café fraco, parecido com chá”) como formadas *pela adição do splinter da última palavra ao radical da primeira ou ao radical reduzido substituto da palavra inicial* (BERMAN, 1961: 279). Com pequenas modificações, o termo *splinter* é empregado por Adams (1973: 142), que declara serem essas unidades nada mais que partes de palavras: “*não são morfemas nem elementos de compostos*”:

Até a década de 1990, a maior parte da literatura sobre os *blends* apresenta uma concepção linear das representações morfológicas e, por isso mesmo, interpreta construções como ‘chafé’ como constituídas da combinação da palavra ‘chá’ com a parte final da palavra ‘café’. De modo análogo, ‘cantatriz’ seria analisada como oriunda da parte inicial de ‘cantora’ aglutinada à parte final de ‘atriz’. Essa ideia aparece, entre outros autores, em Cannon (1986), Algeo (1991) e Laubstein (1999). Assim, os termos *blend* e *splinter* aparecem quase sempre associados, como se vê nos excertos em (01):

(01) “*Às palavras que contêm splinters chamarei de blends*” (ADAMS, 1973: 142).

“*Splinter é usado para descrever um “pedaço” de palavra que se caracteriza em blends*”. (CANNON, 1986:136)

“*Blends combinam dois splinters ou um splinter e uma palavra*” (ALGEO, 1991: 56)

“*Blend é a junção de dois vocábulos, sendo que o segundo é utilizado para completar parte do primeiro*” (LAUBSTEIN, 1999: 1)

47. De acordo com Fandrich (2008), o termo *blending* (aqui empregado em referência ao processo) é metafórico, já que vem a ser utilizado em referência à mistura de partes consideradas aleatórias de palavras pré-existentis. Nesse sentido, as formas resultantes refletem, iconicamente, as palavras-matrizes. Em português, os *blends* (termo aqui empregado em referência aos produtos) são também denominados de “palavras-valise” (ALVES, 1990), “cruzamentos vocabulares” (SANDMANN, 1989) e “amalgamas” (SÂNDALO, 1989), entre outras tantas denominações. Assim como fizemos para *splinter*, também o fazemos para os *blends*: usamos os termos técnicos originais em referência a formas complexas cujos constituintes não são morfemas plenos, mas partes de palavras, como em ‘crentino’ (‘crente’ + ‘cretino’ = “religioso falso”), ‘lixeratura’ (‘lixo’ + ‘literatura’ = “literatura de má qualidade”) e ‘aborrescente’ (‘adolescente’ + ‘aborrece’ = “adolescente que aborrece”).

Na década de 1990, talvez por conta da grande repercussão da Morfologia Prosódica e da Teoria da Otimalidade, modelos teóricos que possibilitaram lançar um novo olhar aos processos não-concatenativos (McCARTHY, 1986; McCARTHY & PRINCE, 1995; GONÇALVES, 2004; GONÇALVES, 2005), *blends* passam a ser concebidos como resultantes de uma operação não-concatenativa em que a sucessão das bases é muitas vezes rompida por sobreposições, dando origem a palavras que condensam o significado de seus constituintes (PINEROS, 2001; GONÇALVES, 2005; ANDRADE, 2008).

Desse modo, o processo de formação de palavras por *blending* saiu da obscuridade e recebeu enfoques variados: desde abordagens sobre a interface morfologia-fonologia (BAT-EL, 1996, PIÑEROS, 2001) a enfoques semântico-cognitivos (KEMMER, 1996) e a discussões calorosas sobre o lugar desse processo na teoria morfológica (HASPELMATH, 2002; PLAG, 2004; FANDRICH, 2008). No Brasil, são pioneiras as análises de Gonçalves (2003), Basílio (2005), Almeida & Gonçalves (2007) e Andrade (2008). Nenhuma dessas análises, no entanto, discutiu mais de perto a noção de *splinter* e a relação entre *blends* e *splinters*.

Bauer (2005: 105) assim se posiciona em relação aos *splinters*: “*por splinter entendo um fragmento de palavra usado **repetidamente** na formação de novas palavras*” (grifo nosso). Ao afirmar que *splinters* surgem do processo de *blending*, Bauer (*op. cit.*: 105) ressalta que o emprego que faz do termo “*é uma pequena extensão do uso encontrado em Adams (1973: 142)*”. A “pequena extensão” a que o autor se refere é a recorrência de tais partículas. Por isso mesmo, em Bauer (2005), *splinter* deixa de ser concebido apenas como uma porção aleatória de palavras para ser interpretado como uma categoria morfológica com estatuto parecido ao dos afixos, já que *splinters* são agora encarados como entidades que podem levar à criação de novos formativos. Essa ideia aparece bem resumida no seguinte definição que Bauer (2004: 77) faz para os *splinters* em seu “*Glossary of Morphology*”:

Splinter é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra ‘alcoholic’. Em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em ‘alcohol’ e ‘-ic’. Mas essa palavra foi reanalisada como alc-oholic, e o novo splinter -oholic (variavelmente soletrado), em seguida, reocorre em palavras como chocoholic, spendaholic e shopoholic.

Com o objetivo de diferenciar o *blending* de outros processos de formação de palavras, sobretudo a composição, Danks (2003) ressalta que a alta produtividade de um *splinter* pode fazer com essa entidade adquira estatuto de afixo e, nesse aspecto, também entende que nem todas as partes envolvidas em palavras provenientes do mecanismo de *blending* devem ser consideradas *splinters*. Posição

semelhante é adotada por Chung (2008), que procura, como sugere o título do seu trabalho, “colocar os *blends* em seu devido lugar”, distinguindo-os de formações com *splinters*. Lehrer (2007: 121) adota a mesma postura, ao afirmar que

Quando um splinter torna-se tão comum a ponto de as pessoas começarem a usá-lo frequentemente, pode perder sua conexão com a palavra-fonte e ser considerado como um morfema por direito próprio. Obviamente, uma vez que haja uma escala de splinters completamente originais para morfemas completamente convencionais, a transição de splinter para morfema principal independente é um processo diacrônico.

Os *splinters* do inglês mais referenciados na literatura são *-holic* (de ‘alcoholic’), *-thon* (de ‘marathon’), *-gate* (de “watergate”) e *-burger* (de ‘hamburger’), amplamente exemplificados em (02), a seguir. Observe-se que esses elementos são presos, formam séries de palavras e se caracterizam pela fixidez à direita, com isso se assemelhando a sufixos.

(02)	alcoholic	marathon	watergate	hamburger
	shopoholic	bikethon	irangate	cheeseburger
	workaholic	musicthon	monicagate	eggburger
	chocoholic	walkthon	billgate	fishburger
	“viciado em”	“maratona de”	“escândalo político”	“sanduíche de”

Na literatura sobre o português, as primeiras referências à presença de *splinters* na estrutura de palavras morfologicamente complexas são encontradas em Gonçalves, que assim se refere a essas entidades em diferentes trabalhos:

(03) “são pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular (*cruzamentos ou substituições sublexicais*)” (GONÇALVES, 2011b: 12)

“produtos de truncamento ou partes de cruzamentos vocabulares ou de substituições sublexicais que passam a formar uma série de novas palavras” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 130)

“pedaços recorrentes de palavras provenientes de fenômenos de fusão vocabular”
(GONÇALVES & ALMEIDA, 2012: 106)

“assemelham-se a radicais ou a palavras, mas ostentam propriedades mais características de afixos, como a alta produção lexical, o fato de serem formas presas e a fixação à esquerda (*caipi-*) ou à direita nas construções de que participam (*-lândia, -trocínio, -lé*)”. (GONÇALVES, 2011a: 67)

“elementos que, como os afixos, ocorrem numa borda específica da palavra, mas, em função de seus significados, correspondem a lexemas. *Splinters*, portanto, formam uma classe à parte, situada entre radicais e afixos” (GONÇALVES, 2012: 190)

Pelo que se expôs no decorrer desta seção, formações com *splinters* diferenciam-se de *blends* e estão a meio do caminho entre o *blending* e a afixação. Estamos afirmando, com isso, que nem todos os casos de *blends* podem ser interpretados como constituídos de *splinters*, muito embora essa tenha sido a tendência inicial, encontrada nos primeiros trabalhos sobre o assunto (ADAMS, 1973; ALGEO, 1991). *Blends* são simplesmente fusões vocabulares, como as exemplificadas em (04), cujos constituintes (se é que assim podemos nos referenciar à estrutura morfológica dessas palavras) de modo algum recorrem. Formações com *splinters*, como as em (05), apresentam elementos recorrentes à esquerda ou à direita, o que, de certo modo, lhes dá o direito de reivindicar (a) a existência de concatenação e (b) um estatuto morfológico próprio:

(04)	pilantropia (pilantra + filantropia)		presidengue (presidente + dengue)	
	urubuservar (urubu + observar)		craquético (craque + caquético)	
	nepetismo (nepotismo + petê (PT))		petelho (petê (PT) + pentelho)	
(05)	vonese	camaronese	macarronese	bacalhaunese
	sextaneja	pagonejo	funknejo	chatonejo
	paitrocínio	avotrocínio	mãetrocínio	autotrocínio

Sobre *splinters*, formas combinatórias e criação de afixos

Na literatura morfológica, o termo “forma combinatória” (do inglês *combining forms*), tal como proposto por Warren (1990), é muitas vezes utilizado em referência a pedaços de palavras com alguma recorrência (*-holic*, *-thon*), muito embora também se reporte a outras entidades, a exemplo dos afixoides (pseudo-afixos, semi-afixos) e dos radicais neoclássicos (raízes de fronteira, arqueoconstituintes). Em (06) e (07), respectivamente, exemplificam-se esses dois tipos morfológicos (os hífen são usados apenas para delimitar os elementos constituintes):

(06)	aero-modelismo		petro-dólar	foto-montagem auto-peças
	bio-combustão	agro-negócio	tele-pizza	eco-chato
(07)	odonto-cirurgião	vídeo-conferência	hemo-terapia	sino-brasileira
	nano-tecnologia	gastro-condutor	espermo-teca	face-condria

Respalhada em critérios mais semânticos que propriamente formais, Warren (1990) assinala que formas combinatórias, independentemente do estatuto original na forma reanalisada, são sempre caracterizadas pela compactação de significado de uma palavra-base, a exemplo de *-holic*, por ela entendida como “*morfema que significa “pessoa viciada em”, que é o significado que derivamos de alcoholic, embora não associemos “pessoa viciada em” com a sequência de fonemas -holic em alcoholic*” (WARREN, 1990: 117).

Do mesmo modo que Warren (1990), também Lehrer (1998) utiliza a rubrica genérica *forma combinatória* para descrever tanto os radicais neoclássicos quanto as formas nativas resultantes dos processos de *blending* e *clipping*⁴⁸. Para a autora, a situação dos compostos neoclássicos é semelhante à das formações com partes de palavras, já que regularmente aparecem não apenas em combinações entre si, como em ‘biblioteca’ e ‘pinacoteca’, mas também com formas nativas livres, a exemplo das recém-cunhadas ‘maridoteca’ e ‘linguateca’ (GONÇALVES, 2012).

Tanto Warren (1990) quanto Lehrer (1998) ressaltam a importância dos processos não-concatenativos na emergência de formas combinatórias. Na literatura morfológica, no entanto, há um debate envolvendo processos como o *clipping* e o *blending*. Štekauer (1998: 1), por exemplo, observa que

48. Também nesse caso, preferimos usar o termo original do inglês em referência ao processo de redução (morfologia subtrativa) em que uma parte nem sempre morfêmica passa a valer pelo todo, a exemplo de euro- (‘eurodólar’, ‘eurodeputado’) e info- (‘info-shopping’, ‘info-unidade’). Tais formas são *clippings*, mas não truncamentos, termo reservado aos encurtamentos que funcionam como palavras, a exemplo de ‘gastro’, ‘eletro’, ‘salafra’ e ‘refri’.

linguistas diferem em suas opiniões (...) se processos como a derivação regressiva, a conversão, o blending, o clipping etc. devem ser incluídos na teoria de formação de palavras, e, se assim o for, qual é o seu status em relação aos principais processos de formação de palavras.

Haspelmath (2002: 2) exclui os processos não-concatenativos da esfera da formação de palavras, postura também adotada por Plag (2003), para quem fenômenos relacionados à criatividade linguística refletem questões de desempenho e, por isso mesmo, não são diretamente relevantes para a teoria morfológica, calcada na competência do usuário para produzir e interpretar palavras complexas. Fandrych (2008: 108), por sua vez, observa que as palavras

são espelhos de suas épocas. Ao olhar para as áreas em que o vocabulário de uma língua está se expandindo em um determinado período, podemos deduzir precisamente a preocupação de primeira ordem da sociedade naquele momento e os pontos para os quais os limites do esforço humano estão avançando.

Como Fandrych (2008), estamos convencidos de que os processos não-concatenativos como um todo, sobretudo o *blending* e o *clipping*, devem ser tratados no âmbito da formação de palavras por uma simples razão: ambos são fonte para a criação de novos morfemas. Como mostra Gonçalves (2011c),

esse é um argumento forte para abordar tais processos no âmbito da formação de palavras, já que, além de projetar sequências fônicas à condição de formas combinatórias, podem (a) justificar inúmeros relacionamentos morfológicos entre palavras cujo isolamento do afixo é duvidoso, por aparecer numa única palavra, a exemplo de ‘casebre’, e (b) explicar a origem de diversos afixos hoje produtivos, como -ete.

Para descrever o papel do *blending* e do *clipping* na criação de *splinters*, consideremos a palavra ‘macarronese’, utilizada no seguinte comentário publicado no *blog* <http://meiaxicaradecha.wordpress.com> sobre a natureza dessa iguaria:

(08) **Macarronese** é uma receita muito simples, bem tranquila de fazer, com poucos ingredientes e com um resultado no quesito sabor surpreendente! É uma salada gelada de macarrão com atum que não precisa de mais nada pra ser feliz. Coma pura e é refeição completa. Aqui em casa todo mundo adora, quer saber o que precisa?

É bem provável que o criador da nova palavra, já bastante consagrada pelo uso, diga-se de passagem, tenha substituído a semivogal [j], de ‘maionese’, pelos segmentos [k], [a] e [x], de ‘macarrão’, com a vantagem adicional de as duas palavras compartilharem a periferia direita, [ma], e a sequência [on], que, em ‘macarrão’, vem representada pelo ditongo nasal. Com a fusão, o restante da construção morfológica original, ou seja, a sequência -nese, acabou sendo tomada por um formativo com o significado de “maionese”. Desse modo, o falante que cunhou a palavra ‘macarronese’ não tomou a terminação ‘nese’ como morfológica, mas acabou por transformá-la em entidade, que, pelo mecanismo da substituição sublexical (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010), acabou se comportando como tal.

Como mostra Gonçalves (2011c: 83), “a troca de parte de uma palavra por outra, mantendo o restante inalterado, cria condições eficazes para (a) desencadear novas associações e, com isso, (b) formar séries de palavras com igual significado”. Tomando por base esse exemplo, propomos que a criação de *splinters*, embora desencadeada pelos fenômenos de *blending* e *clipping*, está diretamente associada ao mecanismo da substituição sublexical (SSL), definido por Almeida & Gonçalves (2007: 79) da seguinte maneira: “mecanismo no qual uma sequência não-morfêmica de uma dada palavra é reinterpretada como unidade significativa e substituída por outra”, como em ‘tricha’ (por ‘bicha’), ‘trêbado’ (por ‘bêbado’) e ‘bebemorar’ (por ‘comemorar’). Utilizando o exemplo em questão, ‘sacolê’, podemos afirmar que, com o *blending*, a posição à esquerda passa a ser preenchida por uma palavra e, por esse motivo, pode agora ser substituída por outra de significado congênere, criando, com isso, condições ideais para (a) formar séries de palavras, (b) deixar um elemento fixo na posição final e, conseqüentemente, (c) instituir um esquema construcional similar ao da sufixação. Acreditamos, portanto, que a substituição sublexical esteja na base da criação de inúmeros afixos do português (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010) e, nos dias de hoje, responde pela existência de vários *splinters*.

No quadro abaixo, observe-se como as palavras-fonte se comportam frente aos primeiros *blends/clippings* e, posteriormente, em relação às substituições sub-lexicais efetuadas. Perceba-se que as sequências finais são formas presas, criando padrões de formação caracterizados pela presença de variáveis, aqui representadas por X, seguindo a orientação de Booij (2010):

(09)				
	Palavra originária	Primeiro <i>blend</i>	Outras formações	Esquemas
			eutrocínio	
	patrocínio	paitrocínio	tiotrocínio	[X _s trocínio] _s
			avôtrocínio	

madrastra	mãedrastra	sogradrastra	
		irmãdradta	[X _s drasta] _s
		avódrasta	
		ovonese	
maionese	macarronese	camarone	[X _s nese] _s
		batatonese	

Pelos exemplos, evidencia-se a relevância dos *splinters* nas estruturas morfológicas do português. Além disso, assume-se, aqui, que os limites entre o concatenativo e o não-concatenativo podem ser tênues, ao contrário do que se preconiza em grande parte da literatura sobre o assunto (HASPELMATH, 2002; SCALISE, 1984; SPENCER, 1990). Operações não-aglutinativas criam formas que não necessariamente se caracterizam pela sucessão linear estrita de elementos morfológicos, a exemplo de ‘sorvetone’, fusão de ‘sorvete’ com ‘panetone’, caracterizada, inclusive, pelo compartilhamento da oclusiva alveolar /t/. Em função do uso, a sequência *-tone*, bem mais vinculada a ‘panetone’ que a ‘sorvete’, por aproveitar daquela forma de base justamente o pé nuclear, constituinte proeminente, do ponto de vista prosódico e cognitivo (BECKMANN, 1999), compacta o significado de ‘panetone’, combinando-se, a seguir, com várias bases que designam comestíveis passíveis de constituir recheio ou ingredientes de panetones:

(10) chocotone	–	panetone recheado de chocolate
iogurtone	–	panetone feito com iogurte
bombotone	–	panetonre recheado de bombom
aveiotone	–	panetone feito com aveia
frangotone	–	panetone recheado de frango

***Splinters* vernáculos e não-vernáculos, iniciais e finais**

Um movimento relativamente recente, talvez por conta do advento da *internet* e dos meios de comunicação eletrônicos, com grande repercussão nas estruturas morfológicas do português, é a formação de novas palavras com base em *splinters* do inglês. Como mostra Szymanek (2005: 435), a criação de constituintes morfológicos pode ser definida “*como um caso em que novo afixo estabeleceu-se por si só porque falantes começaram a percebê-lo em um grupo de palavras emprestadas*”.

Gonçalves & Almeida (2012) observam que vem sendo cada vez mais frequente, especialmente em áreas como a informática e o comércio eletrônico, o emprego de elementos morfológicos

recém-criados em inglês a partir dos processos de *blending* e *clipping*, a exemplo, nessa ordem, de *cyber-* (encurtamento de ‘*cybernetics*’) e *e-* (abreviação de ‘*eletronic*’). Para os autores, “*essa situação – que pode parecer banal à primeira vista, já que são bastante comuns empréstimos do inglês nessas áreas – vem favorecendo a acentuada proliferação de elementos não-nativos nas estruturas morfológicas do português*” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012: 105). De fato, formativos como esses também se adjungem a bases vernáculas e, por isso mesmo, “*criam esquemas de formação de palavras que acabam se conformando aos padrões construcionais existentes na língua*” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012: 106). Em (11), exemplificam-se alguns hibridismos bastante usuais nos dias de hoje envolvendo *splinters* do inglês – chamados de xenoconstituintes pelos autores – combinados com elementos do português, incluindo palavras (‘pit-bicha’), siglas (‘UFF-tube’) e letras (‘X-búrguer’):

(11)	X-búrguer	pit-bicha	wiki-aves	Lula-leaks
	e-chantagem	ciber-condria	banheiro-gate	UFF-tube

Muitas vezes, em decorrência da base etimológica comum, fica extremamente difícil estabelecer uma fronteira rígida entre o que é empréstimo do inglês e o que é efetivamente vernáculo. Por exemplo, a sequência *info-*, em ‘info-professor’, ‘info-peças’ e ‘info-via’, por sua constituição fonológica e por sua indubitável associação com os segmentos iniciais de ‘informática’, poderia perfeitamente ser considerada um *splinter* nativo. Essa forma, no entanto, parece ter vindo pronta do inglês, como atestam os dados de Dunks (2003), alguns dos quais não muito recentes.

Tavares da Silva (2013) relata a dificuldade de categorizar o elemento eletro-. Argumenta o autor, em relação a esse formativo, que talvez seja

mais coerente olhar para eletro- como um afixoide do inglês que foi importado para a língua portuguesa através de construções já prontas. Muito provavelmente, a ampla utilização desse formativo na nomenclatura científica, o fato de elementos neoclássicos terem caráter universal com correspondentes em diversas línguas – inclusive o português – e a fixação desses empréstimos no léxico, levando à formação em série, fez com que eletro- se nativizasse, formando palavras genuinamente portuguesas sem soar anglicismos.

Pode ser que estejamos fazendo com *info-* e *ciber-* o mesmo que fizemos com *eletro-*, o que comprova a assunção, feita em Bauer (1998), de que a formação de palavras deve ser concebida como um espaço tridimensional cujos três principais parâmetros – pertença ao léxico patrimonial (nativo

versus estrangeiro), tipo de formação (simples / composto / derivado) e grau de encurtamento (pleno / encurtado) – nem sempre são claramente identificáveis.

Lüdeling & al. (2002: 253) têm visão bastante similar à de Bauer (1998) sobre o assunto: para eles, não há diferença clara entre os radicais neoclássicos e as chamadas formas combinatórias porque “*não há propriedades fonológicas, nem diferenças na combinabilidade ou na produtividade desses elementos que possam ser usadas para distingui-los de elementos nativos*”. De acordo com esses autores, a relação entre a chamada composição neoclássica e a composição nativa envolvendo *splinters* tem de ser concebida como um *continuum*.

O mesmo raciocínio vale, também, para *-lândia* e *euro-*. Em relação ao primeiro elemento, Sandmann (1987) reforça que a partícula vem do alemão/inglês *land/land*. De acordo com ele, “*o Aurélio registra a forma mais antiga hinterlândia, reportando-a ao alemão Hinterland*” (SANDMANN, 1987, p. 61), o que significa, para nós, que a forma emprestada acabou se comportando como nativa após o acréscimo do sufixo vernáculo *-ia*. No estudo de Sandmann (1987), um marco sobre produtividade lexical em português, aparece a formação *brizolândia* denotando “a turma ou os amigos de Brizola”. Hoje, continuamos utilizando essa partícula na formação de novas palavras e a sensação de que não é vernácula praticamente inexistente:

(12) cracolândia	cristolândia	empregolândia
bambilândia	chocolândia	macacolândia
barbielândia	emolândia	raplândia

No caso de *euro-*, Correia (1989: 5) observa que a sequência inicial, constituída de sílabas que de modo algum representam o étimo grego⁴⁹, passou a ser sinônimo de ‘europeu’, assumindo, portanto, numa clara relação de metonímia, o significado da palavra que lhe deu origem. Desse modo, ainda que sua origem possa não ser 100% autóctone, por conta da denominação da moeda que passou a representar a comunidade europeia, o sentimento de que essa partícula não é de fato vernácula praticamente não existe, dada a recorrência numa série de palavras criadas em português:

(13) eurovia	eurosegurança	euromania	euroveículos
euromóveis	euroblindagem	eurogasolina	euroquímica

49. Em Correia (1989: 5), encontramos nota etimológica com a qual se explicita a constituição morfológica do topônimo ‘Europa’: “Em Grego antigo, a raiz ‘εὔ’, que tinha o significado de ‘bem’, foi juntar-se com a raiz ‘ὤπ’, ‘vista’, dando origem à palavra “Europa”, que passou a designar o velho continente”.

Concluindo, *splinters* referenciam uma palavra-fonte, seja ela nativa ou não. O sentimento de vernaculidade, se é que podemos assim nos expressar, deriva do menor ou maior grau de distanciamento fonológico e/ou ortográfico da partícula em relação à matriz na língua doadora. Portanto, são menos nativizados aqueles que preservam a grafia e a pronúncia original, a exemplo de *-gate*, *-leaks* e *wiki-*. Num grau intermediário, com adaptação gráfica, mas não necessariamente fônica (ou vice-versa), estão *splinters* como *ciber-* e *-tube*. Por fim, os mais integrados à língua e, portanto, praticamente sentidos como vernáculos, são aqueles em que apresentam feição fonológica e gráfica idênticas a formas plenas existentes em português, a exemplo de *info-*, *euro-* e *-lândia*. No quadro a seguir, em (14), elencamos os *splinters* hoje em curso no português brasileiro, descrevendo sua origem (nativa/não-nativa) e a posição que ocupam na estrutura da palavra, se inicial (x-) ou final (-x):

(14)

Elemento	Palavra-modelo	significado	nativo/não-nativo	exemplos
<i>-burguer</i>	<i>hamburger</i>	“hambúrguer”	não-nativo	X-búrguer, franbúrguer, Bobs-búrguer
<i>caipi-</i>	caipirinha	“caipirinha”	nativo	caipifruta; caipiwodka; caipisaquê, caipirosca
<i>choco-</i>	chocolate	“chocolate”	nativo	chocotone; chocomania; chokolícia; chocolé
<i>cyber-</i>	<i>cybernetics</i>	“digital; eletrônico”	não-nativo	ciber-ataque; ciber-café; ciber-crime; ciber-espião
<i>-drasta</i>	madrasta	“parente por empréstimo”	nativo	sogradrasta; paidrasto; irmãdrasta; tiadrasta
<i>e-</i>	<i>eletronic</i>	“eletrônico; virtual”	não-nativo	e-comunidade; e-vendas; e-negociação; e-MEC
<i>euro-</i>	E u r o p a , europeu	“Europa; europeu”	não-nativo	euro-dólar; euro-língua; euro-comércio; euro-túnel
<i>fran-</i>	“frango”	“feito de frango”	nativo	franbúrguer; franfilé; franlitos
<i>-gate</i>	<i>Watergate</i>	“escândalo”	não-nativo	banheiro-gate; Piquet-gate; panetone Gate
<i>i-</i>	<i>I-pod</i>	“pessoal”	não-nativo	i-Phone; i-Mac; i-Tablet; i-namoro; i-amigo
<i>info-</i>	informática; informação	“informática; informação”	não-nativo	info-peças; info-lojas; info-professor
<i>-lândia</i>	disneylândia	“lugar em que concentra”	não-nativo	cracolândia; cristolândia; macacolândia

-lé	picolé	“picolé de”	nativo	sacolé; sucolé; wiskylé; caipilé
-leaks	Wikileaks	“vazamento de informação”	não-nativo	Amazônia-leaks; Nikiti- leaks; planalto-leaks
narco-	narcótico	“droga”	nativo	narco-tráfico; narco- dólar; narco-deputado
-nejo	sertanejo	“música sertaneja”	nativo	pagonejo; quintaneja; funknejo, chatonejo
-nese	maionese	“salada de maionese com”	nativo	macarronese; ovonese; camarone; frangonese
Pit-	pitbull	“agressivo”	não-nativo	pit-babá, pit-pai, pit- bicha, pit-bebê
-ranha	piranha	“prostituta”	nativo	secretaranha; vagaranha; professoranha
-tube	Youtube	“pelo monitor, na <i>intenet</i> ”	não-nativo	UFF-tube; IURD-tube; piada-tube
-tone	panetone	“panetone de”	nativo	sorvetone; chocotone; iogurtone
-trocínio	patrocínio	“financiamento por”	nativo	tiotrocínio; autotrocínio; mãetrocínio; avôtrocínio
wiki-	Wikipedia	“site colaborativo de”	não-nativo	wiki-novela; wiki-aves; wiki-flora; wiki-juris

***Splinters*, afixoides e radicais neoclássicos: uma categoria única?**

Como vimos na seção anterior, o termo *forma combinatória* é usualmente adotado para descrever elementos de natureza variada: (1) radicais neoclássicos, com ou sem alteração no significado etimológico, como, nessa ordem, ‘aero-lula’ (‘avião do ex-presidente Lula’) e ‘geo-ciências’ (‘ciências da terra’); (2) porções fonológicas oriundas de *clippings*, nativos ou não, como *choco-* (‘choco-mania’) e *cyber-* (‘cyber-ataque’), respectivamente; (3) itens morfológicos resultantes de *blending*, a exemplo de *-nejo* (‘pago-nejo’, ‘fórró-nejo’, ‘sexta-neja’ << ‘sertanejo’), *-nese* (‘ovo-nese’, ‘macarro-nese’, ‘camaro-nese’ << ‘maionese’) e *-tone* (‘sorve-tone’, ‘choco-tone’, ‘bombo-tone’ << ‘panetone’); e (4) abreviações em que um dos constituintes utilizados se assemelha a uma sigla – os chamados *e-termos* (CORREIA *et alii*, 2008: 122), ou seja, formas como e-MEC e e-professor, “*que apresentam na sua estrutura a partícula e com o significado de electronic/electrónico*”.

Assim como Kastovsky (2009: 12), acreditamos que o termo *forma combinatória* “*é algo como um arenque vermelho em lexicologia, porque cria mais problemas do que resolve, e deve ser descartado*”.

Os seguintes argumentos podem ser utilizados em favor do abandono dessa classe tão heterogênea: (a) na linha de Kastovsky (*op. cit.*), parece que a expressão constitui descrição apropriada para a falta de limites precisos entre derivação e composição, sendo empregada com o objetivo de manter uma diferença discreta entre esses dois mecanismos de ampliação lexical; (b) não há critérios efetivos que diferenciem as chamadas formas combinatórias de categorias como radical, afixo e afixoide, já descritas com relativa precisão na literatura; por fim, (c) processos morfológicos tradicionalmente considerados marginais, como o *clipping* e o *blending*, operam regularmente na formação de novas palavras e são fonte indiscutível de formativos ainda indefinidos categorialmente.

Vejam, então, a situação dos *splinters* quando comparados aos afixoides. Na literatura, o termo afixoide tem duas acepções e, por isso mesmo, é empregado em referência tanto a *clippings* – que, a exemplo de *agro-* e *petro-*, metonimicamente remetem ao significado da palavra complexa de origem (‘agricultura’, ‘petróleo’) – quanto a partículas como *entre-*, *sobre-*, *-mania*, *-fobia* e *-metro*, que aparecem em palavras complexas, mas também são utilizadas como formas dependentes (‘sobre’, ‘entre’) ou livres (‘mania’, ‘fobia’). Se existe alguma equivalência entre *splinters* e afixoides, sem dúvida alguma, as entidades em jogo são as do primeiro tipo: radicais neoclássicos ressemantizados, elementos que participam do processo morfológico conhecido como recomposição (CUNHA & CINTRA, 1985; MONTEIRO, 1989). Formas como *-mania* e *-metro* de modo algum se assemelham a *splinters*, uma vez que apresentam significados mais gerais e não evocam uma palavra maior em extensão da qual seriam constituintes.

Monteiro (1987: 191) considera a recomposição um tipo específico de composição, alertando, no entanto, para uma característica fundamental dessa operação morfológica: “*trata-se de um mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição*”. Na recomposição, os elementos neoclássicos veiculam significado diferente do etimológico. Por exemplo, ‘tele-dramaturgia’ nomeia a “dramaturgia feita pela televisão”, ‘tecno-macumba’, um “tipo de música que mistura pontos de macumba com instrumentos típicos do gênero tecno” e ‘bio-alisamento’, o “alisamento de cabelos feito com produtos biológicos”. Como se vê, a recomposição faz uso de elementos morfêmicos (radicais gregos ou latinos) que se especializam semanticamente e adquirem novos usos. Está é, portanto, a principal diferença entre *splinters* e afixoides.

Splinters, em função de sua recorrência, são alçados à condição de morfêma, mas não apresentam qualquer estatuto morfológico nas formas de origem. Por exemplo, *-drasta* é apenas o pé nuclear de ‘madrasta’, não portando, nessa palavra, qualquer significado. O mesmo pode ser dito em relação a *caipi-*, de ‘caipirinha’: a estrutura morfológica dessa palavra, {{caipir}{inha}}, cujos elementos formais são delimitados por colchetes, de modo algum é preservado no encurtamento, nesse caso representado pelo pé secundário. Pode-se, dizer, portanto, que *splinters* são sequências em vias de morfologização,

caso interpretemos esse processo, seguindo Fox (1995: 102), como o percurso “*pelo qual estruturas linguísticas, antes pertencentes a outro domínio diferente da gramática, tornem-se parte do sistema morfológico de uma língua*”.

Afixoides são morfêmicos nas palavras-fonte. Em ‘biologia’ e ‘telefone’, por exemplo, as sequências iniciais, bio- e tele-, são radicais neoclássicos e significam, nessa ordem, ‘vida’ e ‘à distância’, apresentando, desse modo, a seguinte estruturação interna: {{bio}{logia}}, {{tele}{fone}}. Por isso mesmo, podemos afirmar que esses elementos estão passando uma mudança semântica, sendo caracterizados, portanto, por um processo que pode ser denominado de remorfologização (FOX, 1995). Desse modo, são formativos que experimentam novos usos, diferindo, portanto, dos *splinters*, cujo estatuto de morfema sem dúvida alguma é mais questionável, já que são porções não-significativas reinterpretadas como entidades morfológicas em função da recorrência.

Outra diferença considerável entre *splinters* e afixoides é o volume de novas formações. De acordo com Gonçalves (2011a), “*formas morfológicamente relacionadas por recomposição são bem mais numerosas na língua que palavras envolvendo splinters*”, o que nos mostra que a disponibilidade dos elementos em questão de modo algum é a mesma, talvez por conta das diferenças semânticas entre os dois tipos de partículas: afixoides apresentam significados mais gerais, passíveis de combinação com um maior número de palavras; *splinters*, por sua vez, atualizam significados bem mais específicos e, por isso mesmo, com maior restrição de combinabilidade.

Por outro lado, *splinters* e afixoides caracterizam o que pode ser denominado de compactação (zipagem), termo que corresponde, em inglês, a *secretion* (JERPERSEN, 1925; WARREN, 1990)⁵⁰: parte de uma palavra, simples ou complexa, adquire, numa relação de metonímia formal, o significado da forma originária e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas formas.

Para finalizar a seção, resta-nos falar da enorme diferença no número de prefixoides em relação aos sufixoides, ainda considerando, para tanto, apenas os casos de ressemantização de elementos neoclássicos. Ao que tudo indica, nessa acepção de afixoide, o único elemento de segunda posição que de fato compacta o significado de uma palavra-matriz complexa é -pédia. Novamente aqui, a fronteira entre o nativo e o não-nativo torna-se difusa, pois o uso desse formativo em português sem dúvida alguma reflete a ampla disseminação da *wikipedia*, com o constituinte final pronunciado [‘pi.ria], “*enciclopédia multilíngue online livre colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias*” (www.dicionarioinformal.com.br). Como alternativa ao original, criamos a ‘wikipédia’, com a forma final acentuada, refletindo a grafia e a pro-

50. Em inglês, o termo *secretion* remete ao ato ou ao processo de separação, elaboração e envio de substância que preencha adequadamente alguma função, motivo pelo qual traduzimos *secretion* por compactação.

núncia da palavra ‘enciclopédia’ (com vogal média aberta), também existente em português, o que acabou se refletindo no grande volume de formas X-pédia com *-pédia* ressignificando “enciclopédia virtual”. Desse modo, *-pédia* é originalmente um *splinter* não-nativo (um xenoconstituente, portanto). Dada a associação com a forma *-pédia*, de ‘enciclopédia’, o sentimento de vernaculidade logo se perdeu:

(15) futepédia	flapédia	desciclopédia	saúde-pédia
bibliapédia	nerdpédia	whiskypédia	anglopédia

Palavras finais: o destino dos *splinters*

De acordo com Bauer (2004: 77), *splinters* são por vezes reanalisados como palavras, algumas vezes, como afixos, e às vezes como elementos de construção de palavra que não parecem ter qualquer denotação particular. Por exemplo, a forma ‘hamburger’, cuja estrutura morfológica original é {{hamburg}}{er}} (“pessoa nascida na cidade de Hamburgo, Alemanha”), foi reanalisada em inglês por analogia com ‘ham’ (“presunto”). Desse modo, o sanduíche de carne processada, uma metonímia da cidade em que surgiu, foi reinterpretado como {{ham}}{burger}} e *-burger* passou a significar a própria iguaria, com isso possibilitando que a posição inicial pudesse ser preenchida por qualquer ingrediente que se quisesse relevar no sanduíche. A reanálise, portanto, fez com que *-burger* fosse interpretado como palavra e as construções com esse elemento, como compostas.

Bauer (2004) ressalta que *splinters* são muitas vezes reanalisados como afixos. As formações com *-trocínio* dão mostras dessa segunda possibilidade. De acordo com Gonçalves, Andrade & Almeida (2010: 54), as formas em (16), a seguir, tiveram origem no *blend* ‘paitrocínio’ (< ‘pai’ + ‘patrocínio’ = “patrocínio pelo pai”), que sobrepõe as duas formas de base à esquerda, borda da palavra em que as matrizes mais se assemelham fonologicamente. Por analogia, é possível especificar, como se vê em (17), qualquer agente financiador do patrocínio pela substituição da sequência rastreada à esquerda, o que dá a *-trocínio* estatuto parecido como o de sufixos e às construções com essa partícula, feição de derivados:

(16) **autotrocínio, tiotrocínio, mãetrocínio, avôtrocinio, irmãootrocínio**

(17) →
pai. tro. cí. nio
 (**pai**) (trocínio)
 mãe, tio, avô, irmão etc.

A última situação aludida por Bauer (2004) é das sequências que não comportam qualquer denotação. Por exemplo, *-x*, que ocorre no final de nomes comerciais, a exemplo de ‘tampax’, ‘durex’, ‘clorox’ e ‘pirex’, entre tantos outros, “*não parece ter um significado em todas as formas, mas parece marcar essas palavras como nomes comerciais*” (BAUER, 2004: 77). Situação similar à do referido *-x* é a da sequência *-ol*, quase sempre associada a nomes de remédios ou produtos de limpeza, como ‘gelol’, ‘limpol’ e ‘luxol’. Formas como *simancol* (Fulano não tem *simancol*) e *bobajol* (hoje eu não trouxe meu *bobajol*) sem dúvida alguma se espelharam nas primeiras, por nomearem algo que possa ser tomado ou usado para ter algum efeito. De acordo com Bauer (op. cit.: 77-78), “*o que se percebe dessas análises é que parecem ser determinadas pelos paradigmas em que as novas palavras são encontradas*”, o que possibilita a isolabilidade das partes, pela alta transparência semântica e relativa recorrência das partículas.

Em outra obra (BAUER, 2005), o autor observa que *splinters* podem ter três destinos diferentes: (a) desaparecer por completo, deixando vestígios ou não, (b) tornar-se afixos produtivos ou (c) adquirir estatuto de palavras independentes. Esta última situação, como vimos mais acima, teria acontecido com ‘búrguer’, originalmente uma reanálise de ‘hambúrguer’. A primeira pode justificar inúmeros relacionamentos morfológicos entre palavras cujo isolamento do afixo é duvidoso, por aparecer numa única palavra, a exemplo das listadas em (18), cujas terminações podem ser consideradas verdadeiros casos de *hápax legomenon*, expressão grega utilizada em referência a elementos dos quais se conhece uma única referência:

(18) casebre – carniça – corpanzil – copázio – marujo – ferrolho

Por fim, em relação ao segundo caso, o de *splinters* ascendendo à condição de afixos, o alcance real e a importância dessas novas formações lexicais só se tornarão evidentes com o benefício da retrospectiva. Concluindo, “*uma vez que splinters podem se transformar em afixos ou palavras, parece que temos uma situação em que não está claro se as novas formas serão derivados ou compostos*”, o que nos mostra que (1) essas formações se situam nos limites da composição com a derivação e (2) a distinção afixo-radical de modo algum é discreta.

Referências

- ALMEIDA, M. L. L & GONÇALVES, C. A. V. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 11, p. 75-85, 2007.
- ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- ANTUNES, M.; CORREIA, S. & GONÇALVES, R. *E-terms: descrição e hipótese de classificação*. In: Mendes, A. & Freitas, T. (orgs.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: APL & Colibri, p. 121-130, 2008.
- BASILIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 2005.
- BAUER, L. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry* 10/3, 508-509, 1979.
- BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics* 36/3, p. 403-422, 1998.
- BAUER, L. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown Univ. Press 2004.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In DRESSLER, W. *et al.* (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.
- CHUNG, K. S. "Putting Blends in their Place". Trabalho apresentado em Conferência sobre Universais e Tipologia em Formação de Palavras. Universidade P. J. Šafárik, Košice, Slovakia, realizado em 18 e 19 de agosto de 2009.
- CORBIN, D. & PAUL, J. Aperçus sur la créativité morphologique dans la terminologie de la chimie. *La banque des mots* 60, p. 51-68, 2000.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DANKS, D. *Separating Blends: A formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes*. University of Liverpool, 2003.
- FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. In *Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics*, 2008.
- GONÇALVES, C. A. V. Atuais Tendências em Formação de Palavras no Português Brasileiro. *SIGNUM*, Londrina, n. 15/1, p. 169-199, 2012.

GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, 5 (1), p. 62-89, 2011a.

GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 14, 2011b.

GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 10 (2), p. 67-90, jul./dez., 2011c.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspectos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, Faculdade de Filosofia da U.C.P. v. 8, n. 1/2, p. 151-170, 2004.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. Por uma Ciber morfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenocostituintes em Português. In: MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.) *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2011.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82, 2010.

JESPERSEN, O. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung. 1925.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.

LEHRER, A. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1), p. 3-28, 1998.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EdUFC, 1987.

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. O Processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

RALLI, A. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

WARREN, B. (1990). The Importance of Combining Forms. In W. Dressler et al. (eds), *Contemporary Morphology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p. 111-132, 1990.